

editorial

DIVERSIDADE NA ADVERSIDADE

Gabriel Almeida Assumpção (UFMG)

O sexto número da **Outramargem: Revista de Filosofia** retrata a diversidade da produção acadêmica nacional em filosofia, multiplicidade essa que se dá tanto do ponto de vista histórico quanto do ponto de vista sistemático. Como resultado, temos artigos em filosofia antiga, medieval, moderna e contemporânea. Os materiais variam não só no que tange ao período da história da filosofia, mas também no que diz respeito à área da filosofia: ética, metafísica, filosofia da linguagem, epistemologia, política e filosofia da natureza.

Também chama atenção o fato de que há contribuições de pesquisadores de vários estados diferentes, o que aponta para um momento de expansão do periódico, cuja amplitude geográfica e temática atinge novos níveis. Em um momento da história do País no qual os investimentos em ciência e educação têm sido cada vez mais escassos, mostra-se de grande importância continuar o esforço de pesquisa e valorizarmos a produção dos colegas, pois é especialmente nos momentos de adversidade que não devemos desistir da busca do saber e da troca de conhecimentos. As situações de escassez e crise foram e continuarão sendo fonte de inspiração e mudança, e com esse intuito apresentamos um panorama do que tem sido pesquisado em várias universidades do Brasil.

O artigo de Paulo S. C. Ribeiro Filho (PUC-RJ), “Sobre o tempo, uma questão fundamental”, traz um debate sobre um dos temas mais complexos e aporéticos da filosofia: o tempo. Esse enigma filosófico, abordado por filósofos tão distintos como Aristóteles, Plotino e Kant, é aqui elaborado a partir de quatro pensadores: Agostinho, Borges, Agamben e Heidegger. Outro texto que abrange mais de um período da história da filosofia é o de Felipe Gustavo S. da Silva (UFPE), com “Práticas de Cuidado de si na Antiguidade”, em que Foucault é o referencial para uma investigação histórico-crítica do pensamento antigo, especialmente Platão. Mais um artigo no qual a relação de Michel Foucault com os antigos se faz presente é “Zaratustra metacínico”, de Rafael R. da Rosa (UERJ). O autor discute o tema clássico da transvaloração dos valores por

Nietzsche, mas sob lentes foucaultianas, em diálogo com uma tradição marginal, o cinismo.

Em termos de pesquisa que envolve mais de um momento da história da filosofia, temos “De Descartes a Frege: os avanços epistemológicos do método”, escrito por Michelle C. Montoya (PPGLM-UFRJ). A contribuição da autora é uma apreciação histórica do problema do método no pensamento moderno, com a indicação posterior de como G. Frege apresentou respostas mais fecundas a esse problema, ainda que portando certa “continuidade” com a proposta cartesiana.

No âmbito da filosofia antiga, temos dois artigos: o de Gabriel R. Rocha (PUC-RS), “Do amor platônico ao *crush*: a filosofia entre adolescentes – tópicos de ensino de filosofia”, e o de Otacilio L. de S. Neto (UFC), “Dois sentidos de participação em Platão”. No caso de Rocha, trata-se de um esforço interdisciplinar de refletir sobre o *Eros* platônico e diferenças e semelhanças com maneiras contemporâneas de lidar com a vida afetiva e o desejo, com ênfase na gíria *crush* usada por jovens e adolescentes, recorrendo a teóricos como Z. Bauman, A. MacIntyre e E. Cassirer. O texto de Neto, por sua vez, consiste em rigorosa exegese de trechos do *Parmênides* e do *Fédon* platônico, diferenciando duas nuances do termo “participação” em Platão. Essa retomada de um problema clássico na história da filosofia atenta para a polissemia tão recorrente em conceitos de filosofia antiga.

Ainda na área da metafísica, mas no âmbito da filosofia medieval, cujos estudos têm crescido no país, temos a contribuição de Matheus Monteiro (UNICAMP), “O possível metafórico segundo Tomás de Aquino”. Nesse artigo, o autor expõe o conceito de possível metafórico e o problematiza de modo crítico, para que medievalistas possam discutir o tema ainda mais a fundo.

No âmbito da filosofia moderna, há o artigo de William Teixeira (UnB): “A modernidade ‘na’ filosofia de Descartes: a crítica das formas substanciais”. O texto mostra como Descartes partiu da crítica à noção escolástica de ‘forma substancial’ para uma concepção mecanicista dos fenômenos naturais, baseado em medidas e na matemática. Com essa atitude, o filósofo estaria próximo de Bacon e Galileu, portanto, inserido em um contexto moderno.

Também na filosofia moderna, temos “A subjetividade e a busca pela felicidade no pensamento de Blaise Pascal”, artigo de Jean Vargas (UFMG), que articula condição humana e subjetividade humana, tratando-se de importante reflexão de cunho antropológico à luz das ideias de tédio, esquecimento de si, amor-próprio e

divertissement. Cloves T. D. Freire (UFS), por sua vez, escreveu “Leibniz e a crítica ao espaço *tota simul* newtoniano: a mônada como causa imediata do movimento”, artigo no qual se confronta dois grandes “rivais” no pensamento moderno, cuja disputa pela autoria do cálculo é famosa: I. Newton e G. Leibniz. No caso do texto de Freire, Leibniz critica a ideia de espaço absoluto de Newton com base na noção de mônada e de sua capacidade de apercepção e nos princípios de razão suficiente e identidade dos indiscerníveis.

Ainda no âmbito de reflexões acerca do eu, mas sob um ponto de vista da filosofia contemporânea, temos “Função personalidade em devir – um olhar da teoria do *self*”, por Fábio H. M. Bogo (UFSC). O material em questão se baseia na psicanálise e, especialmente, na esquizoanálise de Deleuze e Guatarri. Aqui, não se trata de uma filosofia da subjetividade, mas de uma filosofia da dissolução do eu, que passa a ser pensado como função, e não como estrutura.

No âmbito da filosofia política, temos a contribuição de Elvis de O. Mendes (UFPE) intitulada “Do niilismo à experiência totalitária”. Trata-se de um artigo focado no pensamento de Leo Strauss e na abordagem que este faz à tirania como fenômeno histórico. Já “A pragmática do discurso de Foucault”, por Cecília de S. Neves (UFMG), o foco reside no tema da linguagem, atentando para suas dimensões políticas, chamando atenção para como ler Foucault pensando na atualidade.

A linguagem também é tema do trabalho de Edvan Aragão Santos (USP), “A questão do dualismo e da linguagem em Bergson”, artigo no qual se relacionam linguagem, consciência e apreensão da realidade. Nosso número também contempla a tradução de *Epistemic closure*, “Fechamento epistêmico”, de Steven Luper, por Luiz H. M. Segundo (UFSC), que nos permitiu acesso, em língua portuguesa, a uma importante contribuição em filosofia analítica.

Que esse rico panorama da pesquisa filosófica dos pós-graduandos brasileiros sirva de incentivo em tempos tão duros. Esperamos que as contribuições continuem, em qualidade e em quantidade.

Boa leitura,

Gabriel Assumpção.

Errata: No vol 3., n. 5 (2º semestre de 2016), na entrevista com Ivan Domingues, chamada “Filosofia como Resistência”, na página 3, onde está “David

Emanuel Carneiro”, leia-se “David Emanuel Coelho”. Pedimos desculpas aos leitores e ao David pelo erro.